

O CONJUNTO PALMEIRAS NA NARRATIVA INSTITUCIONAL DO BANCO PALMAS

Cristiano Rodrigues Rabelo
Professor da Educação Básica (SEDUC –CE) e Mestrando em História e Culturas
(MAHIS - UECE)
rabeloc@ig.com.br
rabelocr@gmail.com

Resumo: O Banco Palmas é uma instituição localizada no município de Fortaleza, Ceará. Surgiu em 1998 como resultado da organização social dos moradores do bairro Conjunto Palmeiras. A importância da instituição dá-se pelo pioneirismo na luta contra a pobreza extrema na região, a partir da geração de renda e uso de uma metodologia alternativa ao mercado financeiro formal. Ao longo dos anos 2000, o Palmas fez parcerias com diversas instituições públicas, privadas e não governamentais, o que resultou no aumento de sua capacidade de atuação local e na difusão da concepção implementada no Conjunto Palmeiras em outras regiões do país. Dessa expansão, foram criados a Rede de Bancos Comunitários - atualmente com 103 instituições espalhadas pelo país - e o Instituto Palmas que passou a servir como uma consultoria de implementação de Bancos Comunitários de economia solidária naquelas localidades que aderiram à ideia. O empreendimento tornou o Conjunto Palmeiras conhecido nacional e internacionalmente, conseqüentemente, levou à constituição de narrativas que envolvem o passado do bairro, criando, além de uma narrativa oficial, uma identidade para o local, expressos em materiais publicados, pesquisas acadêmicas e relatos autobiográficos.

Palavras-Chave: Banco Palmas. Conjunto Palmeiras. Memória.

CONJUNTO PALMEIRAS IN THE INSTITUTIONAL NARRATIVE OF BANCO PALMAS.

Abstract: The Palmas Bank is an institution located in Fortaleza, Ceará. It emerged in 1998 as a result of the social organization of the inhabitants of Conjunto Palmeiras neighborhood. The importance of the institution is through pioneering in the fight against extreme poverty in the region, from the generation of income and use of an alternative methodology to the formal financial market. Since the 2000s, the Palms has partnered with several public and private institutions and non-governmental, increasing its local performance capability and leading the design implemented in Conjunto Palmeiras to other regions of the country. From that expansion on, the community banks network was created, which currently has 103 institutions around the country, and the Palmas Institute who became to serve as a Community Bank to implement consultancy solidarity economy in those localities that wish to join the idea. The project made the Conjunto Palmeiras national and internationally known, leading to creation of narratives involving the past of the neighborhood, creating, in addition to an official narrative, a place for identity, expressed in published materials, academic research and autobiographical accounts.

Keywords: Banco Palmas. Conjunto Palmeiras. Memory.

A sensação de que estavam construindo um empreendimento que mudaria a relação do bairro com o mundo parecia não estar presente naquele momento, mesmo com a quantidade de jornalistas convidados para a inauguração do primeiro Banco Comunitário do Brasil. Era 20 de janeiro de 1998 quando o Banco Palmas surgiu com a proposta de minimizar os problemas do Conjunto Palmeiras quanto à geração de renda. Naquele dia de festa, a concessão dos primeiros empréstimos revelou a intenção primeira quando resolveram construir e encarar o desafio de combater a pobreza extrema no local.

O bairro Conjunto Palmeiras fica localizado ao sul do Centro de Fortaleza, no Ceará. Surgiu durante a década de 1970, fruto do programa de desfavelamento da capital cearense, executado pela Fundação de Serviço Social de Fortaleza (F.S.S.F.), órgão da prefeitura, e que foi responsável pelos estudos, cadastramento, remoção e acomodação das pessoas em três conjuntos habitacionais. Dentre eles, o maior era o Conjunto Palmeiras, que tinha capacidade para comportar 2.700 famílias distribuídas em lotes de 10X20, no valor de C\$ 480,00 (cruzeiros), pagos em prestações de C\$10,00 (cruzeiros) em dez anos.

Durante os anos em que a região ganhou vida com a presença dos moradores, várias lutas sociais foram construídas a fim de torná-la digna de se viver com qualidade. A prefeitura, ao remover essa população, não tinha dado as condições mínimas para a sobrevivência, pois, à medida que a população ia chegando à sua nova realidade, notava-se a completa falta de estrutura existente. Longe do Centro e dos principais postos de ocupação de trabalho, o Conjunto Palmeiras estava completamente isolado do restante de Fortaleza, que via sua expansão urbana realizar-se mutuamente com o deslocamento dessa população. Sem água, sem energia elétrica, sem transporte público e sem uma residência concreta (os primeiros moradores habitaram a região embaixo de lonas e só depois, em regime de mutirão, foram construindo seus cômodos) a organização social dos moradores foi essencial para a melhoria da qualidade de vida ali.

Foi assim que entre as décadas de 1980 e 2000, surgiu no Conjunto Palmeiras instituições que foram essenciais para a efetivação do desenvolvimento local. Podemos citar, ao longo desse período, duas dessas instituições responsáveis pela transformação do bairro. A primeira, surgida em 1981, é a Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP), responsável por organizar lutas sociais importantes e na gestão de obras que começaria a transformar estruturalmente a realidade do Conjunto, a exemplo do Canal de Drenagem no bairro para conter enchentes comuns ao bairro. Na década seguinte, o Banco Palmas surge com o objetivo de enfrentar a extrema pobreza local, tendo como principal finalidade a geração de renda entre os moradores da região. É importante destacar que o Banco Palmas teve início como mais uma ação de enfrentamento realizado pela ASMOCONP. O Banco era parte integrante da associação dos moradores e mais um projeto erguido pela organização social local.

A realidade do Conjunto Palmeiras após a criação do Banco Palmas passou a ser conhecida à medida que a ideia ia ganhando notoriedade, gerando curiosidade de como, em uma periferia brasileira nordestina, foi possível criar-se um Banco. As matérias sobre o empreendimento passaram a tornar o Conjunto Palmeiras visível nacionalmente e, até, internacionalmente. O Banco Palmas levaria o bairro para além do bairro.

“Imagine um lugar, no Brasil, onde a moeda oficial não é o real, cartões de crédito são de papel, o trabalho do Serviço de Proteção ao Crédito é feito pelos vizinhos e o caixa do banco divide espaço com o balcão de empregos e com reuniões da associação de moradores. Parece ficção? Pois esse lugar existe e abriga cerca de 32.000 pessoas de baixa renda, mais de 200 estabelecimentos comerciais e três escolas públicas. Trata-se do Conjunto Palmeira, distante 20 km do centro de Fortaleza, no Ceará. Há uma década esse bairro de periferia não passava de um grande alagado, habitado por famílias paupérrimas, sem água tratada, esgoto nem luz elétrica. Hoje, a região é referência quando o tema é economia solidária. Ali surgiu o primeiro banco comunitário do país, o Banco Palmas [...]” (SIMÕES, 2008, p. 1).

O Banco Palmas passou a ser o elo entre o Conjunto Palmeiras e o mundo por meio das ações que foram sendo implementadas a fim de minimizar o impacto da pobreza no bairro. Tais ações atraíram pesquisadores, instituições privadas e públicas na tentativa de compreender e fazer parcerias com o empreendimento local. Esses encontros permitiram expandir a carta de crédito do Banco, além de ensinar que aquilo que era realizado tinha um nome, já vislumbrado em outras regiões do mundo: economia solidária. Por isso, um dos idealizadores do empreendimento afirma: Nós pensávamos que tínhamos aberto um banco, mas de fato criamos um banco de economia solidária! (MELO, 2014, p. 209).

A partir de 2003, junto com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego, o Banco Palmas passou a fazer parte de uma Rede de Bancos Comunitários e criando no Conjunto Palmeiras o Instituto Palmas, tornando-se o responsável por compartilhar a experiência sob a defesa que é possível gerar renda para os pobres sob uma lógica alternativa ao mercado financeiro formal.

À medida que essa experiência foi sendo compartilhada, a notoriedade do empreendimento cresceu. Falar sobre o Banco era relatar sobre como foi possível realizá-lo. Dentro desses relatos, os responsáveis pela instituição passaram a falar não apenas do Palmas, mas também do Conjunto Palmeiras. O passado do bairro era um elemento necessário para se compreender a constituição da instituição. As pesquisas acadêmicas, o convite a palestras, a criação e republicação de materiais que envolvia evidências sobre a formação do local, permitiu aos responsáveis pela direção do Banco ordenar uma memória

que levava em consideração o antes e o depois da criação do Banco Palmas. A instituição era de fato um divisor de águas na formação do local.

Quando analisamos a relação do Banco com a memória de formação do Conjunto Palmeiras, percebemos que nas versões constituídas sobre o bairro tem, em sua maioria, a presença da instituição como propulsora dessa memória. Como afirma Ricoeur (2001), o que visualizamos é um esforço de recordação, isto é, um esforço de não esquecimento do que foram e do que se tornaram antes e após a criação do empreendimento. O que fica claro é que a narrativa desenvolvida sobre o Conjunto Palmeiras passa a ser vislumbrada a partir da transformação que ao longo dos anos o bairro passou. Contudo, é preciso destacar que, embora houvesse a necessidade de não esquecer determinados fatos do passado, a memória passou a ser narrada e disposta para servir às intenções institucionais, justificando o caminho pelo qual o empreendimento chegou, forjando uma identidade local para o Conjunto Palmeiras.

“O Palmeira inteiro foi um bairro construído pelos moradores.[...] Um aspecto importante para o empreendedor social, para o desenvolvimento local, para o desenvolvimento sustentável é duas coisas. Primeiro a memória. Nossa maior felicidade do mundo é dizer que nós somos um banco, temos o privilégio que estamos aqui na Natura, na semana do empreendedorismo, mas só tem sentido porque nós fomos uma favela gigantesca, nós guardamos com muito orgulho isso, ter sido uma favela que se transformou. Então preserva a memória, da empresa, do município, do bairro. Eu chego em milhões de comunidades e pergunto, [...] quem foi o primeiro presidente da associação de moradores, ninguém sabe, primeiro padre, primeiro pastor, ninguém sabe, perde a memória completamente. Se eu perguntar quem foi Pedro Álvares Cabral: “eu sei”! Olha lá, a gente só guarda a ideia, a memória que nos contam, a memória que está nos livros e nossa história nunca está nos livros. É identidade e memória. Vocês vão ver agora daqui para frente tudo é Palmas, Conjunto Palmeiras, o banco é Palmas, é Palmas Fashion é a Palma Card. Por quê? Para criar uma identidade, esse bairro é nosso, para passar de pai para filho para que essa história não seja perdida. (MELO, 2008, p. ??).

É nesse aspecto que Jelin (2002), afirma sobre a capacidade narrativa da memória e a atribuição de sentido dado ao passado por um certo grupo ou instituição. Para a autora, a memória como construção social deve ser pensada a partir dos elementos constitutivos de quem narra, percebendo que há uma delegação de autoridade em certas falas que depõem o que deve ser lembrado, silenciado ou esquecido. Dessa maneira, é necessário atentar-se para como essa memória é narrada, a partir da autoridade que foi outorgada a alguém ou alguma instituição e como ela é recebida de forma coletiva. Assim, percebe-se uma tentativa de institucionalizar uma memória a partir de uma situação de luta

por representações, buscando com isso alcançar posições de autoridade, expandido o círculo de seguidores que aceitam essa narrativa.

A legitimação de uma narrativa que pretende ser aquela que traz reconhecimento ao Conjunto Palmeiras pode ser analisada a partir de cordéis comemorativos, discursos proferidos pela diretoria do Banco em palestras, cartilhas, entrevistas que falam acerca do Conjunto Palmeiras, nos diversos trabalhos acadêmicos de uma diversidade de áreas do conhecimento, a exemplo da Ciências Sociais, Administração, Geografia e a partir de histórias de vida, com relatos autobiográficos publicados, em que se vincula a experiência pessoal à vida coletiva do Conjunto Palmeiras. Contudo, à medida que essa instituição vai se transformando em um centro de difusor da concepção de Bancos Comunitários, a relação entre a representatividade do Banco para o Conjunto e seus moradores parecem se distanciar.

“[...] Acabou, essa luta da associação de moradores depois que teve esse Banco Palmas acabou. A luta de rua, a luta de cobrança, de manifestação. Eles deixaram de acreditar nisso. Entraram numa linha capitalista que chamavam de sistema neoliberal, nessa linha de empreendedorismo e disse que essa de lutar em frente a uma prefeitura, em frente a um governo do estado é bobagem, não existe mais, não é necessário” (ARAÚJO, 2015, p. ??).

A evocação de uma tradição que levou o Conjunto a se transformar, com as lutas sociais que se realizaram a partir da organização dos moradores durante as primeiras décadas, é o principal ponto de crítica do morador. Para ele, a presença do Banco deixou de lado outras prioridades do bairro, visto que não deu importância às reivindicações na rua, característica presente no passado do local. Portanto, quando analisamos as narrativas do Banco Palmas, percebemos assim como Pollak (1992), uma tentativa de enquadramento de uma memória que possa servir aos interesses institucionais, forjando dessa maneira uma história oficial para o Conjunto Palmeiras, assim como uma identidade para o local. Dessa maneira podemos afirmar que esse trabalho de manutenção, exposto inclusive pela fala de Joaquim, diretor do Banco e um dos idealizadores do empreendimento, também se adequa ao que se denominou como o “*trabalho da memória em si*. Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, de organização” (POLLAK, 1992, p. 07).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Wayne Thiago da Silva. Entrevistador: Cristiano Rodrigues Rabelo. Fortaleza, CE: UECE, 2015. 3 Arquivos MP3 (21 seg), son., color.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memória**. Madri: Spaña; Século XXI, 2001

MELO, Joaquim. **Viva favela: os pobres assumem seu próprio destino**. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

PALESTRA de Joaquim de Melo - Banco Palmas. **You Tube**, 16 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rr6jPv8M>>. Acesso em: 10 out. 2015.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10. P. 200-2012, 1992.

SIMÕES, Kátia. Ele combate a pobreza com uma moeda diferente, o palma. **Pequenas Empresas Grandes Negócios**, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/Empresasenegocios/0,19125,ERA1676997-2991,00.html>>. Acesso em 24 de jan. 2016.